



**ELEIÇÕES** / Além da forte polarização e do baixo interesse do eleitor, partidos e possíveis candidatos enfrentam resistências internas ou de outras legendas. Após ser vaiado e xingado por petistas, Ciro Gomes propõe trégua. Tucanos e Moro também precisam de apoio

# Divisões travam o voo da terceira via

» RAPHAEL FELICE

## » Muita gente, pouco voto

Um problema comum a todos os possíveis candidatos a uma terceira via é o baixo interesse do eleitor. Veja a situação de cada um dos nomes mais citados na disputa para 2022.



### Ciro Gomes

Terceiro colocado nas últimas pesquisas eleitorais, Ciro se credencia como um candidato de centro-esquerda. Durante as manifestações de 12 de setembro, Ciro foi aplaudido por um público majoritariamente de direita ou centro-direita, eleitores que o pedetista precisa captar para chegar ao segundo turno. Para o cientista político André Rosa, Ciro pode conseguir dissidentes tanto da esquerda dissidente de Lula, quanto da direita dissidente de Bolsonaro.



### João Doria

O governador de São Paulo foi apontado como um dos principais adversários políticos de Bolsonaro desde que o governo federal no episódio da vacina Coronavac, acabou perdendo espaço com a recuperação dos direitos políticos de Luiz Inácio Lula da Silva. Seu status como presidencialista se tornou dúvida. O destino do candidato do PSDB será definido nas prévias do partido.



### Alessandro Vieira

O senador da República ganhou espaço por sua atuação na CPI da Covid-19 e foi selecionado como pré-candidato do Cidadania à presidência. Apoiador de Bolsonaro em 2018, o delegado da polícia civil se tornou crítico e marca forte oposição ao governo. Candidato da direita, Vieira quer se encaixar como opção à terceira via.



### Sergio Moro

O ex-juiz que se tornou celebridade com a Operação Lava-Jato avalia a possibilidade de se apresentar um candidato da terceira via, possivelmente pelo Podemos. Mas ele tem vários obstáculos a transpor. Parcialidade nos julgamentos da Lava-Jato, passado bolsonarista e resistência da classe política são algumas das dificuldades à frente de uma candidatura.



### Luiz Henrique Mandetta

Apesar de ter ganho simpatia de parte da população por sua batalha contra os negacionismos de Bolsonaro (sem partido), o ex-ministro da Saúde, demitido por não amenizar o discurso dentro das recomendações das autoridades científicas, Luiz Henrique Mandetta (DEM) não possui cancha suficiente para chegar ao segundo turno. No entanto, uma aliança para ser o vice de Ciro pode ser o casamento perfeito para a dupla, uma vez que a chapa abarcaria setores da esquerda até a direita. Há cerca de um mês o namoro da dupla parecia estar se intensificando, mas a possível fusão entre DEM e PSL esfriou um pouco os planos da parceria, pelo menos até o momento.



### Eduardo Leite

O governador do Rio Grande do Sul é o principal adversário de João Doria nas prévias do PSDB. Apesar de não possuir um trunfo tão forte como tem o paulista com a vacina, Leite conta com apoio dentro do partido e recebeu, inclusive de Pedro Tobias e Antonio Carlos Pannunzio, ex-presidentes da sigla. Segundo os tucanos, Eduardo Leite possui condições de "unir o país".



### Rodrigo Pacheco

De perfil moderado, o presidente do Senado é apontado por especialistas como um nome que pode se colocar como um nome de maior serenidade em meio às tensões vividas no país. Pacheco vem assumindo o papel de "apaziguador", mas segundo os bastidores políticos, ele possui interesse em se colocar como terceira via. Ele é desejo do presidente do PSD, Gilberto Kassab, para disputar o pleito em 2022. Pacheco possui mandato no Senado até 2026 e pode usar as próximas eleições como um propulsor para a sua popularidade.

Reprodução de Vídeo



Ciro discursa na Paulista, onde foi vaiado e xingado por petistas: desgaste explícita fragilidade da esquerda

## Divergências

“É muito difícil você ter um único nome. Há muitos espectros ideológicos e interesses divergentes dentro desse processo, desde a centro-direita até a esquerda. São muitas composições para se unirem em um único nome”, explica o professor e mestre em ciência política Valdir Pucci.

Em maior ou menor grau, a divisão atinge todos os possíveis candidatos da terceira via. Um dos exemplos mais recentes das rivalidades internas ocorreu no último sábado. Ao discursar, em São Paulo, durante os protestos contra o governo Bolsonaro no último sábado, Ciro Gomes foi confrontado com vaias e até lançamento de latas, promovido por grupos ligados ao PT. O episódio mostrou a falta de coesão das legendas progressistas.

Ontem, em entrevista ao Uol, Ciro Gomes propôs uma trégua com as correntes de esquerda. E reafirmou a vontade de romper a polarização. “Eu vou continuar estabelecendo, com muita clareza, as diferenças que eu tenho com Bolsonaro e com o lulopetismo”. Um dia após as vaias na Paulista, o candidato pedetista recebeu apoio de parlamentares progressistas. “Nada justifica as agressões a Ciro Gomes”, escreveu a deputada Sâmia Bonfim (PSol-SP), em uma rede social.

Enquanto tenta pacificar as forças progressistas, Ciro Gomes também busca os votos dissidentes de Jair Bolsonaro. Trata-se de um movimento necessário para chegar ao segundo turno. Uma aliança com o ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta,

nesse sentido, poderia ajudar na captação desses votos.

O presidente Nacional do PDT, Carlos Lupi, acredita que o candidato de seu partido pode virar o jogo se chegar a 18% nas intenções de voto até o fim do carnaval. Atualmente, Ciro está com, aproximadamente, 12% da preferência do eleitorado. Para Lupi, o foco deve ser o eleitor arrependido de Bolsonaro. “Esse eleitor do centro que votou em Bolsonaro, votou pelo antipetismo, não porque morria de amores pelo Bolsonaro. Esses votos podem fazer a diferença para que o Ciro consiga chegar a um segundo turno. Acredito que com 18% até o fim do carnaval, o Ciro consegue viabilizar sua campanha rumo ao segundo turno”, avaliou.

No campo do centro-direita,

também existem fissuras. Uma das disputas mais notórias ocorre dentro do PSDB, onde os governadores Joao Doria (SP) e Eduardo Leite (RS) medem força. No mapa das prévias do partido, marcadas para 21 de novembro, Doria fechou o apoio dos diretórios de São Paulo, Distrito Federal, Acre, Pará e Tocantins. Leite, por sua vez, conta com Ceará, Minas Gerais, Alagoas e Rio Grande do Sul. Nas próximas semanas, Doria espera selar a adesão dos diretórios de Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O senador Tasso Jereissati (CE) desistiu da disputa para apoiar Leite. Além dos governadores paulista e gaúcho, o ex-prefeito de Manaus Arthur Virgílio também está inscrito na disputa interna.

## Obstáculos para a candidatura de Moro

» LUANA PATRIOLINO

De volta ao Brasil, o ex-ministro Sergio Moro está em negociação para decidir seu futuro político. Nesta última semana, o ex-juiz fez um giro pelo país e animou apoiadores que apostam em sua força como uma terceira via nas eleições de 2022. No entanto, Moro ainda faz silêncio sobre a candidatura. O ex-juiz tem uma série de desafios pela frente caso queira se tornar candidato à presidência da República.

O Podemos, uma das legendas que está disposta a apostar em Moro, defende que decisão do ex-juiz sobre ser ou não candidato ao Planalto não pode passar de novembro. Isso porque o partido está com as pesquisas em mãos — indicando a baixíssima intenção de votos em Sergio Moro. Uma pesquisa Ipespe divulgada na última quinta-feira aponta que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lidera em dois possíveis cenários de primeiro turno para a eleição presidencial do ano que vem, com 43% e 42% das intenções de voto. Citado no estudo, Moro aparece com apenas com 7%.

Na avaliação do cientista político Marco Antônio Carvalho Teixeira, pesquisador do Centro de Estudos de Administração Pública e Governo da Fundação Getúlio Vargas, Moro tenta surfar na onda ‘lavajatista’, mas deve passar por dificuldades por conta da exposição como ministro da Justiça no governo de Jair Bolsonaro. “A terceira via é uma candidatura que tem se colocado como uma alternativa ao Lula e ao Bolsonaro. Mas o Moro foi ministro do Bolsonaro. E, por várias vezes, agiu como fia-

dor moral do próprio governo. Se ele não tivesse passado pelo governo Bolsonaro, talvez tivesse mais facilidade”, destaca.

Outra dificuldade é a resistência a Moro dentro da classe política. “Não podemos esquecer que ele tem uma rejeição razoável dentro da própria estrutura política. Ele criou arestas com o PSDB, com o DEM. Hoje, Moro só seria unanimidade no próprio Podemos”, avalia Carvalho.

A conduta do ex-juiz durante a Lava-Jato é outro ponto vulnerável. Em março, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o ex-juiz não teve imparcialidade no julgamento do ex-presidente Lula no caso do triplex do Guarujá. “Acredito que ele deve continuar tentando surfar na onda do combate à corrupção, ainda que a operação tenha caído em descrédito para uma parcela da população. Creio que ele deverá se articular para apoiar algum candidato à presidência, sendo que a filiação ao Podemos e uma eventual candidatura ao Senado me parece o cenário mais provável e, até mesmo, mais favorável politicamente para Moro”, afirma Ricardo Caichiolo, cientista político do Ibmec Brasília.

O tempo como ministro de Bolsonaro também pesa na rejeição de Moro como candidato. “Por mais que ele tenha saído, ele foi do governo. Qualquer tipo de candidatura de que ele participe, seja para presidente ou qualquer outra, sempre vai haver essa questão de ser atacado porque ele compôs o governo Bolsonaro; além disso, ele também vai ser sempre atacado por aqueles que apoiam o governo e o enxergam como um traidor”, destaca.